

# Projetos incentivam geração de renda na rede psicossocial

Entre iniciativas, núcleo da saúde mental de Santo André promove oficinas voltadas ao empreendedorismo e reintegração dos usuários

JOYCE CUNHA  
joycecunha@dgabc.com.br

O bairro Camilópolis, em Santo André, abriga o Nupe (Núcleo de Projetos Especiais), espaço que há quase 25 anos promove oficinas profissionais gratuitas voltadas à reinserção de usuários da Raps (Rede de Atenção Psicossocial) no mercado de trabalho. Assim como acontece no município andreense, as prefeituras da região mantêm iniciativas que aliam qualificação, estímulo ao empreendedorismo, reinserção social e promoção à saúde. Os projetos atendem 192 moradores em cinco cidades – Ribeirão Pires não conta com ações direcionadas à geração de renda e Rio Grande da Serra não respondeu ao questionamento do Diário.

O Nupe de Santo André atende, atualmente, 55 usuários empreendedores em seis oficinas: costura de bolsas, sacolas e brindes corporativos; aplicação de imagens em peças de madeira e porcelana, entre outras superfícies; silk-screen, ou serigrafia, e xilogravura (técnicas artesanais de impressão de textos ou imagens em superfícies); marcenaria; culinária; e cultivo de cactos e suculentas. A partir das vendas ou prestação de serviços, o núcleo gera renda, que é compartilhada entre todos os participantes.

Em 2021, quando atendia 43 usuários empreendedores,

o Nupe caprou R\$ 36 mil com o resultado da produção das oficinas. Cada participante recebeu valor simbólico de aproximadamente R\$ 840.

“O foco principal do Nupe é estimular a geração de renda para o indivíduo. A gente sabe que dentro da sociedade existem enquanto compradores e também como consumidores. Além dele vir e fazer a atividade, ao final do projeto ele vai receber um dinheirinho e ir para casa dele. É o poder de compra, o poder de escolha”, analisa a psicóloga Thais Stande Caiano dos Santos, gerente do núcleo.

A profissional explica que o objetivo é possibilitar que, a partir das técnicas e vivências nas oficinas, os participantes possam desenvolver as atividades fora do núcleo. “Trabalhamos na potencialidade de cada um. Isso ajuda, dando autonomia, trazendo eles para outro lugar diferente daquele que são muitas vezes colocados. E o dinheiro eles usam para comprar coisas de uso pessoal, em benefício próprio”.

Há quase três décadas, Maria Conceição Cheban, 67 anos, recebeu o diagnóstico de depressão. Passou muito tempo, desde criança, enfrentando sentimentos difíceis, que não compreendia, e que até hoje, mesmo com tratamento e uso de medicação, encara. “Não tem motivo especial. Ainda tenho recaída. Só choro,



NOVA VIDA. João Bosco, 44 anos, ganhou oportunidade de reinserção profissional como assistente de oficina promovida no Nupe

não quero falar com ninguém e fico trancada no quarto escuro. É uma angústia, uma tristeza tão grande. É como o médico mesmo falou uma vez: ‘isso é uma dor na alma’”.

Há seis anos, Maria Conceição participa da oficina de costura do Nupe e confecciona bolsas, entre outros itens. A técnica com panos e linhas é

antiga conhecida. Sua avó paterna era tecelã. Seus pais seguiram o mesmo caminho. Nas raízes de sua família, encontrou uma nova maneira de encarar a depressão. “É uma válvula de escape. Eu não sei explicar. (Na oficina) Acho que Deus lava a mente da gente, que só consegue prestar atenção ali. Ai você fica bem”.

João Bosco Alves dos Santos, 44 anos, é morador de residência terapêutica na Vila São Pedro. Há 17 anos frequenta o Caps. Por ter esquizofrenia, viu muitas portas serem fechadas no mercado de trabalho. No Nupe, João ganhou nova oportunidade. Desde 2018, atua como assistente da oficina de serigrafia e xilogravura,

que exigem concentração e tranquilidade.

“Quando comecei foi meio complicado. Agora, contribuindo, é legal pra caramba”. O dinheiro que ganha no Nupe usa para fazer o que gosta. “Eu não guardo. Eu gasto tudo. Todo mundo fala para guardar, mas eu vivo cada dia como se fosse o último”.

## Cidades também estimulam empreendedorismo

Além do Nupe de Santo André, serviço mantido pela Prefeitura desde 1998, outras cidades têm iniciativas para estimular o empreendedorismo entre usuários das Raps (Redes de Atenção Psicossocial). São Bernardo conta, desde 2011, com o Nutrate (Núcleo de Trabalho e Arte) para a reinserção de pes-

soas com transtornos mentais severos e persistentes e/ou uso abusivo de álcool e outras drogas no universo do trabalho e para o fortalecimento de vínculos sociais. O projeto atende 60 usuários em oficinas de marcenaria, culinária, cultivo de hortas, informática e confecção de bijuterias, entre outras.

Em São Caetano, por meio de programa chamado InclinarTE, 22 usuários da saúde mental participam, desde 2017, de atividades como confecção de bonecas de feltro, marcenaria, oficina de fuxico e bazar de roupas. A produção é comercializada em bazares nas próprias unidades de atendimento e 50%

do valor arrecadado é dividido entre os usuários. Os demais recursos são utilizados para aquisição de materiais usados nas oficinas. Desde março de 2021, a Prefeitura de Diadema mantém o Espaço Colmeia, onde promove ações chamadas unidades produtivas. O projeto atende 30 pacientes em atividades ar-

tesanais, entre as quais o Cantinho do Café, que produz sequilhos, biscoitos, bolos e chás.

A Secretaria de Saúde de Mauá informou que em 2013 foi iniciado o projeto Diart, no Caps (Centro de Atenção Psicossocial) Adulto. A ação, que atendia 25 participantes em oficinas de serigrafia, percussão e

costura, foi interrompida durante a pandemia e deverá ser retomada no segundo semestre do ano.

Ribeirão Pires conta com três unidades do Caps, onde são promovidas oficinas terapêuticas. A administração municipal informou que não há ações voltadas especificamente para a geração de renda. A Prefeitura de Rio Grande da Serra não respondeu até o fechamento da edição. JC

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 4